



# A NOITE DOS VISITANTES

**15 a 21**  
de JULHO  
21h30

na ruína da antiga  
**Casa da Cultura**  
Parque D. Carlos I  
**ENTRADA LIVRE**

# EXPO 40 anos DE TEATRO DA RAINHA 1985-2025



**5 a 31**  
de JULHO  
das 10h às 21h

NO  
**CÉU DE VIDRO**

## A NOITE DOS VISITANTES

### FICHA ARTÍSTICA

Autor: Peter Weiss

Tradução: Mário Barradas

Encenação: Fernando Mora Ramos

Assistência de encenação: Fábio Costa

Interpretação: Fábio Costa, Hâmbar de Sousa e Tago Moreira

(Teatro da Rainha), Benedita Mendes, Miguel Brás e Sónia Botelho

(Teatro das Beiras)

Dispositivo cénico: Fernando Mora Ramos

Iluminação: William Alves

Criação sonora: Tago Moreira

Instrumentista: João Nuno Henriques

Figurinos: Rafaela Ciríaco da Graça

Adereços: Alexandra Agostinho

Desenho e execução de cenário: Rafaela Schmitt

Design gráfico e imagem: José Serrão

### FICHA TÉCNICA

Coordenação técnica: Hâmbar de Sousa e William Alves

Coordenação de produção: Ana Pereira e Celina Gonçalves

Produção executiva: Rebeca Vendrell e Ellen Rodrigues

Construção do estrado: Joel Pereira e Gil Pereira

Operação de luz: William Alves e Raquel Capitão

Operação de som: João Nuno Henriques

Apoio à caracterização: Rafaela Schmitt

Comunicação: Henrique Fialho, Nuno Machado, Celina Gonçalves e Patrícia Morais

Secretariado: Teresa Almeida

Fotografia: Paulo Nuno Silva, Margarida Araújo e Ovelha Eléctrica

Registo Vídeo: Ovelha Eléctrica

Agradecimentos: José Carlos Faria, Isabel Lopes, CENFIM,

Fastnade (Manuel Barreto), União das Freguesias de Caldas da

Rainha, Nossa S.ª do Pópulo, Coto e São Gregório

M/12 | 60 minutos

Coprodução: Teatro da Rainha / Teatro das Beiras

Direção Artística do Teatro da Rainha: Fernando Mora Ramos

Direção Artística do Teatro das Beiras: Fernando Sena



Estruturas financiadas por:



Apoio à comunicação:

**Esta peça popular**, escrita em verso e traduzida — na verdade, uma versão — pelo Mário Barradas nos anos setenta, é uma parábola. Esse é um motivo de interesse maior: praticar uma estética que se opõe à literalidade, desde logo nas falas, à cópia naturalista do real, gerando na comparação, através de um desvio narrativo (uma analogia) o que é o termo da comparação. Fazê-lo entre referências ao *kabuki*, ao teatro de *guignol*, ao circo e ao trabalho *clownesco*, mais nos afasta desta peste contemporânea que é a representação em registro de novela, afundada na irrelevância sobrevalorizada e na psicologia culinária, mole e destituída de potência de ignição enérgica para o jogo dos actores, de energia motivadora de atenção.

É no “entre”, na relação cena/sala, que tudo se passa — as escritas para teatro são as escritas da energia “partiturada” desse “entre”.

Neste caso, em contexto de ar livre, através de um trabalho de criação pensado para as exigências de escala do ar livre — ar livre não é necessariamente teatro de rua. É um exterior que se busca, ou seja, um edifício apropriado, boas condições acústicas e privilegiadas para o exercício do olhar, a procura da atenção comprometida e criada por essa troca enérgica que uma representação viva tem de elaborar.

A história é elementar: dois “visitantes” (dois homens armados, dois exércitos) entram por uma casa camponesa dentro (um país), ocupando-a e fazendo da família (mãe e dois filhos) reféns, enquanto o pai, que ao elencar tudo aquilo que tinham para lhes dar, falou de ouro escondido num cofre, sai e vai supostamente desenterrá-lo no canavial.

A fenómenos semelhantes temos assistido, forças ocupantes e povos massacrados, sejam as razões geoestratégicas ou apenas materiais, de esbulho imediato, metais raros, petróleo, lítios, etc... Saímos há uns anos da Guerra Fria e estamos em plena guerra quente — a contabilidade dos mortos não cessa de crescer perante a nossa impotência, passividade, e as forças imperiais mantêm a “paz planetária” num inferno constante.

Na peça, é o ouro que é chamariz e, no fim, na prometida arca da fortuna, existem beterrabas — a parábola é obviamente uma forma “estranhada” (desviada) de contar uma história.

Com as beterrabas nas mãos, o casal de irmãos, que sobrevivem, sai em direcção ao futuro, esse é o tempo que lhes resta diante. É um fim, imaginado a partir de uma mortandade generalizada, uma única possibilidade do refazer a vida: o refazer desde a raiz de uma vida que esgotou as suas formas sociais e comuns de existência e que perdeu referências ideais de estruturação. Será possível?

Esse é porventura o exercício proposto pela parábola. O futuro, neste caso, só pode ser essa invenção, futuro não prescrito, como se as memórias acumuladas dos gestos históricos de emancipação fossem suspensas em nome de um recomeço radical das possibilidades de organizar uma sociedade face aos falhanços generalizados. Nada mais que pernas, mãos, e beterrabas, sendo as beterrabas a riqueza, alimentação, a sobrevivência em busca de vida — durante a peça as crianças dão sinal bem claro, expressivo, de vitalidade e capacidade crítica.

Com beterrabas nas mãos, aí vão eles em direcção ao futuro — Marte entra na fábula a contar —, um futuro a erguer por cima dos cadáveres que em cena dizem os limites a que a loucura venal sistémica, capitalista, e os poderes imperiais nos têm conduzido.

**Fernando Mora Ramos**

## **Picol Pico! Serenico! Quem te deu tamanho bico! Crime e morte e crime e perigo! Pico! Pico! Serenico!**

Natural de Nowawes, perto de Berlim, Peter Weiss nasceu a 8 de Novembro de 1916 e faleceu a 10 de Maio de 1982 em Estocolmo. Entre 1918 e 1929 viveu em Bremen, onde frequentou o liceu. Em 1929, a família Weiss regressou a Berlim, mas teve de emigrar em 1934. O pai era de ascendência judaica. A primeira estação foi Londres, onde Weiss estudou fotografia, mudando-se a família posteriormente para a Checoslováquia. Durante estes anos, Peter Weiss dedicou-se sobretudo à pintura — em 1937/1938, estudou na Academia de Belas Artes de Praga. Em 1939, a família mudou-se para a Suécia. Aqui continuou Weiss o seu trabalho como pintor. Em 1947, estava em Berlim como correspondente de um jornal diário sueco. Em sueco publicou os primeiros livros, a colecção de pequenas prosas “Från ö till ö/ De Ilha a Ilha” (1944) e o romance “De besegrade/Os Conquistados” (1948). A primeira peça, já escrita em alemão, data de 1949, com o título “Der Turm/A Torre”.

## **Andam ladrões por aí. Desconfiai, eu já os vi.**

“Nacht mit Gästen/A Noite dos Visitantes” data de 1963, teve a sua estreia no Schillertheater sob direcção do encenador e coreógrafo Deryk Mendel (1920 – 2013). Escrita sob a forma de balada, em versos curtos e populares, conta a saga sangrenta de um ladrão que, de faca afiada, se instala na casa de uma família pobre.

Gaspar Rosa Rosinha invade o lar de uma família camponesa. Para distrair o invasor, Frederico, o *pater familias*, inventa a história de uma arca recheada de ouro algures enterrada. É incumbido de procurá-la e de a trazer, enquanto o terrível visitante se apropria da mulher e dos filhos de Frederico. «Não nos mate, por piedade», rogam em coro. A família fica refém da pata brutal de Gaspar. Eis que surge um segundo visitante, pela calada, à escuta, depois penetrando também ele o território ocupado. O pai regressa com a arca supostamente recheada de ouro. Dá-se uma grande batalha entre os gananciosos ladrões, da qual resulta enorme mortandade. Escapam duas crianças. Quando finalmente abrem a arca, descobrem o pouco com que terão de reconstruir o futuro.

Sob a capa do cómico, o horror e a crueldade revelam-se com tremenda ironia nesta história aparentemente simples. As personagens morrem umas após outras, restando as crianças como horizonte de esperança num mundo que é necessário reconstruir.

“A Noite dos Visitantes” foi o primeiro passo de Peter Weiss na reabilitação de um teatro popular, aproximando-se de formas artísticas tais como o teatro de marionetas inglês Punch and Judy, o Schaubude alemão, o Grand Guignol francês ou o Kabuki japonês. A linguagem musical, rimada e ritmada, oferece a este espectáculo uma vivacidade que almeja, através da simplificação do discurso, uma forte significação alegórica. Remetendo amiúde para a lengalenga ou a cantilena popular, Weiss serve-se do caricatural para denunciar situações de exploração, do modo como quem tem o poder das armas exerce todo o tipo de violência sobre famílias indefesas. O humor e o grotesco são, também aqui, máscaras sob as quais se disfarça o rosto da maior das tragédias humanas: a ganância que leva à barbárie, a barbárie que alimenta a ganância.